

JORNAL DO BRASIL

Pastrana evita ver Garzón

BOGOTÁ E CARACAS – O presidente colombiano Andrés Pastrana cancelou ontem à última hora um encontro com uma comissão internacional de direitos humanos da qual fazia parte o juiz espanhol Baltazar Garzón, do caso Pinochet, e uma filha de Robert Kennedy. A missão, que esteve três dias no país, havia criticado seu pedido de mais ajuda militar aos EUA. Segundo o porta-voz de Pastrana, a agenda do presidente estava apertada.

Os integrantes da missão haviam pedido proteção para os defensores colombianos dos direitos humanos. Eles denunciaram que, neste ano, registraram-se na Colômbia 269 chacinas e 1.299 mortes, acrescentando que, “nos últimos dois anos, cerca de 30 defensores [dos direitos humanos] foram assassinados, um está desaparecido, quatro foram seqüestrados e depois libertados, quatro se acham detidos, aproximadamente 70 têm sido ameaçados ou hostilizados diretamente e pelo menos 27 foram forçados a se exilar, para proteger sua vida”.

Baltasar Garzón criticou a recente criação do primeiro batalhão militar antinarcóticos, assessorado pelos EUA, e pediu que essas funções fiquem com a polícia. Defendeu o reatamento das conversações entre o governo e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), aconselhando esta última a libertar os seqüestrados e prisioneiros que retém, pois não se pode negociar sob intimidação.

Na Venezuela, líderes civis colombianos e o Exército de Libertação Nacional (ELN), a segunda organização guerrilheira da Colômbia, tiveram ontem um segundo encontro em uma semana. O procurador-geral Jaime Bernal, a ex-ministra das Relações Exteriores, María Emma Mejía, e o ex-candidato presidencial liberal, Horacio Serpa, entre outros, estiveram reunidos com representantes do ELN num hotel.